

PERCEPÇÃO DE EFICÁCIA E MEDO DE FALHA: UM ESTUDO SOBRE A CONFIANÇA NOS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS EM UMA UNIVERSIDADE PRIVADA DO OESTE DO PARANÁ

PERCEPTION OF EFFICACY AND FEAR OF FAILURE: A STUDY ON TRUST IN CONTRACEPTIVE METHODS AT A PRIVATE UNIVERSITY IN WESTERN PARANÁ

PERCEPCIÓN DE EFICACIA Y MIEDO AL FRACASO: UN ESTUDIO SOBRE LA CONFIANZA EN LOS MÉTODOS ANTICONCEPTIVOS EN UNA UNIVERSIDAD PRIVADA DEL OESTE DE PARANÁ

Bruna da Silva Lima¹
Winny Hirome Takahashi Yonegura²

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo analisar a percepção de estudantes de Medicina acerca da eficácia dos métodos contraceptivos e investigar os fatores psicossociais associados ao medo de falha contraceptiva. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, descritiva e aplicada, realizada com 205 acadêmicas do 4^o ao 8^o período do curso de Medicina do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz, em Cascavel-PR, por meio de questionário estruturado aplicado via Google Forms®. Os resultados demonstraram que 79% das participantes relataram medo de engravidar mesmo utilizando métodos contraceptivos, enquanto 47,8% afirmaram utilizar mais de um método simultaneamente. Observou-se ainda que o fator psicológico foi apontado como principal responsável pela insegurança contraceptiva, mesmo entre estudantes com acesso à informação e acompanhamento ginecológico. Os métodos mais utilizados foram os de barreira e os anticoncepcionais orais combinados, embora os contraceptivos reversíveis de longa duração apresentem maior eficácia descrita na literatura. Além disso, parcela significativa das entrevistadas relatou insuficiência de suporte institucional relacionado à saúde reprodutiva e contracepção. Conclui-se que o medo da falha contraceptiva ultrapassa aspectos exclusivamente técnicos, sendo influenciado por fatores emocionais, comportamentais e subjetivos. Dessa forma, ressalta-se a importância de estratégias que integrem orientação qualificada, suporte psicológico e fortalecimento da autonomia reprodutiva feminina.

Palavras-chave: Métodos contraceptivos. Falha anticoncepcional. Saúde sexual.

¹Acadêmica de Medicina, Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz-FAG.

²Professora na área de Ginecologia e Obstetrícia no Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz-FAG. Graduação em Medicina pela Universidade Estadual de Londrina (2003), Residência Médica em Ginecologia e Obstetrícia no Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo (2004-2006) e Mestrado em Ciências da Saúde nessa mesma instituição (2012).

ABSTRACT: This study aimed to analyze medical students' perceptions of the effectiveness of contraceptive methods and to investigate the psychosocial factors associated with the fear of contraceptive failure. It was a quantitative, descriptive, and applied study conducted with 205 female medical students from the 4th to the 8th semester of the medical course at the Fundação Assis Gurgacz University Center in Cascavel-PR, using a structured questionnaire administered via Google Forms®. The results showed that 79% of the participants reported a fear of becoming pregnant even while using contraceptive methods, while 47.8% stated that they used more than one method simultaneously. It was also observed that psychological factors were identified as the main cause of contraceptive insecurity, even among students with access to information and gynecological care. The most frequently used methods were barrier methods and combined oral contraceptives, although long-acting reversible contraceptives have shown greater effectiveness as described in the literature. Furthermore, a significant portion of the interviewees reported insufficient institutional support related to reproductive health and contraception. It is concluded that the fear of contraceptive failure goes beyond purely technical aspects, being influenced by emotional, behavioral, and subjective factors. Therefore, the importance of strategies that integrate qualified guidance, psychological support, and the strengthening of female reproductive autonomy is highlighted.

Keywords: Contraceptive methods. Contraceptive failure. Sexual health.

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo analizar las percepciones de estudiantes de medicina sobre la efectividad de los métodos anticonceptivos e investigar los factores psicosociales asociados con el miedo al fallo anticonceptivo. Fue un estudio cuantitativo, descriptivo y aplicado realizado con 205 estudiantes de medicina de entre el cuarto y el octavo semestre de la carrera en el Centro Universitario Fundação Assis Gurgacz en Cascavel-PR, utilizando un cuestionario estructurado administrado a través de Google Forms®. Los resultados mostraron que el 79% de las participantes reportaron miedo a quedar embarazadas incluso usando métodos anticonceptivos, mientras que el 47,8% afirmó usar más de un método simultáneamente. También se observó que los factores psicológicos se identificaron como la principal causa de inseguridad anticonceptiva, incluso entre estudiantes con acceso a información y atención ginecológica. Los métodos más utilizados fueron los de barrera y los anticonceptivos orales combinados, aunque los anticonceptivos reversibles de larga duración han demostrado mayor efectividad, como se describe en la literatura. Además, una parte significativa de las entrevistadas reportó apoyo institucional insuficiente en relación con la salud reproductiva y la anticoncepción. Se concluye que el temor al fallo anticonceptivo trasciende los aspectos puramente técnicos, estando influenciado por factores emocionales, conductuales y subjetivos. Por lo tanto, se destaca la importancia de estrategias que integren orientación especializada, apoyo psicológico y el fortalecimiento de la autonomía reproductiva femenina.

Palabras clave: Métodos anticonceptivos. Fallo anticonceptivo. Salud sexual.

INTRODUÇÃO

As mulheres vivenciam distintas fases ao longo da saúde reprodutiva, cada uma com características individuais e demandas específicas. Entre essas fases, destacam-se a menarca, o ciclo menstrual, a puberdade, a sexualidade, o uso de métodos contraceptivos, a gravidez —

planejada ou não —, o parto e a menopausa. Considerando a relevância do bem-estar feminino, a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem promovido estudos que abordam a relação entre saúde reprodutiva e saúde mental. (STEINBERG JR; RUBIN, 2014)

Desse modo, para atender adequadamente às necessidades de cada paciente, os serviços de saúde devem oferecer acompanhamento clínico qualificado, com informações completas e atualizadas sobre saúde reprodutiva e sexual. Além disso, é essencial oferecer métodos contraceptivos apropriados para as diferentes fases da vida, respeitando as particularidades de cada paciente. O atendimento deve ser individualizado, permitindo que a mulher escolha o método contraceptivo mais adequado à sua realidade, tendo em vista que fatores culturais e socioeconômicos interferem na adesão desses métodos. (FERREIRA H. L. O. C., et al., 2019).

Entretanto, a ocorrência de gestações não planejadas está frequentemente associada à necessidade não atendida de anticoncepção, especialmente em contextos de uso de métodos de curta duração ou de menor eficácia. A indisponibilidade de métodos, a limitação de opções e a utilização inadequada contribuem significativamente para o aumento desse risco. Nesse sentido, a escolha do método contraceptivo, bem como a regularidade e a forma de uso ao longo do tempo, são determinantes importantes na prevenção da gravidez não intencional. Por outro lado, a adoção de métodos contraceptivos de longa duração configura-se como uma das estratégias mais eficazes para a redução das gestações não planejadas, sobretudo em populações mais vulneráveis, em razão de sua elevada efetividade. (FEBRASGO, 2022)

Estudos demonstram que mulheres brasileiras com menor número de filhos apresentam maior adesão aos métodos contraceptivos injetáveis, orais e de barreira. Ademais, mulheres sem parceiro fixo utilizam proteção dupla com maior frequência em comparação às que possuem parceiro fixo. Em vista disso, o estado civil influencia consideravelmente nas escolhas contraceptivas das mulheres. (FERREIRA H.L.O.C., et al, 2019; TRINDADE R.E.D.A. et al, 2021)

Diante do exposto, para alcançar níveis satisfatórios em relação à saúde sexual e reprodutiva, a autonomia feminina é um elemento central. Nesse contexto, é imprescindível que as mulheres tenham autonomia reprodutiva para fazer escolhas conscientes sobre o uso de métodos contraceptivos e sobre a gravidez. Mesmo que as intenções reprodutivas sejam complexas, o respeito à autonomia individual é essencial para a promoção do bem-estar feminino. (BORGES A. L. V, et al, 2023; MELO C.R.M.E, et al., 2020). Diante disso, a contracepção possibilita que as mulheres objetivem seus interesses reprodutivos, o que

contribui diretamente para a redução de gestações não planejadas, abortos e da morbimortalidade materno-infantil. Dessa forma, os métodos contraceptivos são essenciais para a saúde sexual e reprodutiva. (PEDRO J.M., 2003)

Entretanto, ainda há escassez de dados sobre a satisfação das mulheres em relação aos contraceptivos utilizados. A adesão adequada aos métodos está diretamente relacionada à confiança na sua eficácia e à experiência da usuária. Muitas mulheres interrompem o uso ou o utilizam de forma inadequada devido à insegurança quanto à efetividade contraceptiva. Observa-se que os maiores índices de satisfação estão associados aos métodos de longa duração, que apresentam elevada eficácia e menores taxas de efeitos colaterais, características presentes nos contraceptivos reversíveis de longa duração (LARCs) (BORGES A. L. V, et al., 2017)

Os LARCs, como os dispositivos intrauterinos (DIUs) e os implantes subcutâneos, destacam-se pela alta eficácia, com tempo de ação igual ou superior a três anos e taxas de falha inferiores a 1% ao ano, tanto no uso ideal quanto no uso habitual. Por não exigirem participação contínua da usuária para manter sua efetividade, garantem proteção contraceptiva mais estável ao longo do tempo. Dessa forma, são especialmente recomendados para pessoas com maior probabilidade de baixa adesão a outros métodos. Além disso, apresentam elevados índices de satisfação e continuidade de uso entre os contraceptivos reversíveis (FEBRASGO, 2023).

4

As taxas globais de gestações não intencionais permanecem elevadas, especialmente entre as mulheres jovens, e esse dado pode estar relacionado ao uso inadequado do método. Entre 2000 e 2014, aproximadamente 44% das gestações foram classificadas como não intencionais. Estudos demonstram que parte significativa desses casos está associada ao uso inadequado ou inconsistente de métodos contraceptivos, bem como à ausência de utilização de métodos de prevenção da gravidez. (BORGES A. L. V, et al., 2023; STEINBERG JR; RUBIN, 2014; CAETANO C, et al, 2019)

Nessa perspectiva, a saúde mental das mulheres em relação aos comportamentos contraceptivos é essencial, considerando-se a correlação existente entre o uso de métodos contraceptivos e a ocorrência da gravidez (STEINBERG JR e RUBIN LR, 2014). Observa-se, entretanto, que, embora a maioria das mulheres recorra à contracepção com o intuito de evitar a gestação, muitas experienciam falhas decorrentes da ausência de orientações adequadas quanto ao uso correto dos métodos, ou ainda da oferta de opções que contemplem suas necessidades reprodutivas e o contexto cultural e social. Conseqüentemente, faz-se necessário dispor de profissionais aptos para oferecer suporte e instruir as mulheres para que elas possam

ter um planejamento reprodutivo compatível com a sua realidade a fim de evitar futuras complicações. (FERREIRA H. L. O. C, et al, 2019)

MÉTODOS

Tratou-se de uma pesquisa que utilizou o método descritivo. Quanto à abordagem, a pesquisa caracterizou-se como quantitativa. Em relação à natureza, foi classificada como aplicada. Quanto aos procedimentos técnicos, tratou-se de uma pesquisa de campo. O método de abordagem utilizado foi o indutivo.

A coleta de dados foi direcionada às estudantes de medicina do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz, instituição de ensino superior privada, localizada na cidade de Cascavel, no Oeste do Paraná. A pesquisa foi realizada com 205 questionários aplicados a estudantes do 4º ao 8º período do curso de Medicina, com idade igual ou superior a 18 anos, sendo excluídos os homens e os estudantes que não pertenciam a essa instituição.

Os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado, elaborado pelos pesquisadores, utilizando a ferramenta Google Forms®, durante os meses de fevereiro e março de 2025. As acadêmicas acessaram o questionário por meio de um QR CODE, projetado em sala de aula, respondendo-o em seus respectivos dispositivos eletrônicos antes do início das aulas programadas, conforme o calendário acadêmico.

A participação na pesquisa foi voluntária, não remunerada, e ocorreu mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentado na primeira página do formulário. O questionário continha 28 (vinte e oito) questões objetivas.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro Universitário FAG, sendo aprovada pelo CAAE 86891125.6.0000.5219.

RESULTADOS

Foram abordadas 205 alunas do centro universitário Assis Gurgacz, dentre elas 8, (3,9%) têm menos de 20 anos, 163 (79,5%) 20-25 anos, 28 (13,7%) 26-30 anos, 6 (2,9%) 31-45 anos e nenhuma aluna apresentava idade superior a 45 anos.

Tabela 1 – Caracterização da saúde sexual das estudantes de medicina, n=205. Fundação Assis Gurgacz, Cascavel-PR. 2025.

Variável	Nº	%
Já teve início da vida sexual?		
Sim	185	90,20%
Não	20	9,80%
Vida sexual ativa?		
Sim	165	80,50%
Não	40	19,50%
Você possui um relacionamento estável?		
Sim	131	63,9%
Não	74	36,1%
Tem filhos?		
Sim	4	2%
Não	201	98%
Total	205	100%

Fonte: LIMA BDS, 2026.

Em relação aos métodos utilizados 21 (10,2%) não utiliza anticoncepcional, 86 (42%) usa apenas um método contraceptivo e 98 (47,8%) utiliza mais que um método contraceptivo. Além disso em relação a última consulta com o ginecologista 87 (42,4%) foram ao ginecologista em menos de 6 meses, 56 (27,3%) entre 6 meses e 1 ano, 30 (14,6%) há mais de um ano, 23 (11,2%) há mais de 2 anos e 9 (4,4%) das estudantes nunca foram a um ginecologista.

O método mais utilizado de acordo com a pesquisa é o de barreira 45,9%, seguido da pílula combinada 42%, LARCs com 26,5%, pílula de progestagênio 10,7%, método comportamental 16,1%, adesivo anticoncepcional e o anel vaginal correspondem a 1% das respostas. Dentre as alunas que receberam orientação sobre o método contraceptivo escolhido, 172 (83%) relataram ter sido orientadas por ginecologista.

Tabela 2 – Caracterização da saúde sexual das estudantes de medicina, n=205. Fundação Assis Gurgacz, Cascavel-PR. 2025.

Resposta	Nº	%
Qual seu nível de confiança na eficácia do método contraceptivo que utiliza?		
Muito confiante	57	27,80%
Confiante	106	51,70%
Pouco confiante	27	13,20%
Não confia	0	0,00%
Não usa método	15	7,30%
Tem medo de engravidar mesmo com o uso de métodos contraceptivos?		
Sim	162	79%
Não	43	21%
Esse medo da gravidez faz com que você use mais que um método contraceptivo?		
Sim	97	47,3
Não	108	52,70%
Deseja gestar?		
Sim	142	69,30%
Não	63	30,70%
Total	205	100%

Fonte: LIMA BDS, 2026.

Das 205 entrevistadas, 165 (80,5%) responderam que o medo de falha influencia na escolha do método contraceptivo e 40 (19,5%) responderam que o medo de falha não influencia. Dentre os fatores que aumentam o medo de falha em relação aos métodos contraceptivos 109 (53,2%) das estudantes responderam que é o fator psicológico, mesmo tendo conhecimento da eficácia do método usado.

No que se refere ao apoio adequado da faculdade, em termos de educação sobre saúde reprodutiva e contracepção 122 (59,5%) das entrevistadas responderam que recebem apoio da faculdade e 83 (40,5%) responderam que não recebem o apoio necessário da instituição.

DISCUSSÃO

A análise dos dados coletados com estudantes de Medicina do Centro Universitário Assis Gurgacz evidencia que, mesmo entre mulheres com acesso à informação e formação na área da saúde, o receio relacionado à falha dos métodos contraceptivos é uma preocupação recorrente. Observa-se que 79% das participantes relataram sentir medo de engravidar mesmo utilizando contraceptivos, enquanto 80,5% afirmaram que esse medo interfere diretamente na escolha do método adotado. Consequentemente, as alterações na saúde mental podem impactar significativamente na qualidade de vida, refletindo tanto nas condições físicas quanto nos aspectos emocionais e sociais da mulher. Além disso, podem comprometer a capacidade de autocuidado, a tomada de decisões e laços interpessoais. (PACÍFICO, L. C.; MELO, J. S. 2026)

Em vista disso, outra pesquisa realizada também no centro universitário, observou-se que 93,2% das mulheres apresentavam medo de engravidar após a relação sexual, enquanto 77,2% revelaram que esse receio, em algum momento, interferiu negativamente em suas relações pessoais. (OLIVEIRA; RADAELLI, ALIEVI; 2024)

Corroborando esse achado, 53,2% das entrevistadas apontaram o fator psicológico como principal responsável pelo aumento do medo de falha contraceptiva e gestação não planejada, mesmo diante do uso correto do método. Essas informações demonstram a forte presença de fatores subjetivos na experiência reprodutiva, principalmente os de ordem psicológica. A partir dessa análise, entende-se que apenas ofertar o método nos serviços de saúde não garante que o planejamento reprodutivo ocorra de maneira segura e efetiva entre as mulheres. (FERREIRA, H. L. O. C. et al., 2019). Visto que, a saúde mental constitui um componente indispensável do bem-estar humano, estando diretamente associada aos processos cognitivos, emocionais e comportamentais. (PACÍFICO, L. C.; MELO, J. S.; 2026)

Outro dado relevante observado neste estudo foi que 97 (47,3%) das entrevistadas relataram utilizar mais de um método contraceptivo simultaneamente devido ao medo de uma gestação não planejada, e 63 (30,7%) não desejam gestar. Nesse contexto, estudos nacionais e internacionais demonstram que as escolhas reprodutivas femininas são influenciadas por diferentes fatores sociais, culturais, econômicos e individuais. Entre os principais aspectos associados à decisão de adiar ou não exercer a maternidade, destacam-se as transformações na percepção do papel da mulher na sociedade, além dos impactos que a maternidade pode ocasionar na vida pessoal, profissional e emocional. (PACÍFICO, L. C.; MELO, J. S. 2026)

Ademais, fatores como maior escolaridade, independência financeira, menor influência religiosa e maior valorização da autonomia feminina também tem sido relacionados às decisões reprodutivas. Somado a isso, a busca por estabilidade emocional, qualidade de vida, liberdade individual e realização profissional tem exercido influência significativa sobre o comportamento contraceptivo e o planejamento reprodutivo. (PACÍFICO, L. C.; MELO, J. S. 2026)

Considerando esse cenário, torna-se relevante analisar os métodos contraceptivos mais prevalentes entre as entrevistadas. Os anticoncepcionais orais combinados (ACOs), figuram entre os métodos contraceptivos mais utilizados no Brasil. Na presente pesquisa, observou-se que 42% das estudantes utilizam esse método. Entretanto, sua efetividade está diretamente relacionada à adesão correta e contínua, uma vez que exige administração diária e reinício adequado da cartela a cada ciclo. Assim, esquecimentos e inconsistências na utilização contribuem para o aumento das taxas de falha contraceptiva no uso habitual, evidenciando a necessidade de orientações adequadas que favoreçam a adesão e o uso correto do método. (BAHAMONDES et al., 2011).

Nessa conjuntura, identifica-se uma crescente procura pelos contraceptivos reversíveis de longa duração (LARCs), os quais se destacam pela elevada eficácia, praticidade e menor dependência da usuária para manutenção do efeito contraceptivo (BAHAMONDES et al. 2011). A maioria das mulheres que escolhem os LARCs pertence às redes privadas de saúde e esse cenário, possivelmente está relacionado ao perfil de mulheres com maior escolaridade e pertencentes às classes socioeconômicas A e B (BORGES, A. L. V. et al., 2024). No presente estudo, 30,2% das acadêmicas não realizam consulta ginecológica há mais de um ano. Diante disso, constata-se que, mesmo inseridas em um contexto de formação médica, aproximadamente um terço delas não realizou acompanhamento ginecológico no último ano.

Além dos aspectos relacionados à escolha dos métodos, os dados também revelaram limitações no suporte institucional oferecido às acadêmicas. Cerca de 40,5% das acadêmicas relataram que a faculdade não oferece suporte satisfatório em relação à educação sobre saúde reprodutiva e contracepção. Quanto aos métodos utilizados, observou-se maior frequência do uso de métodos de barreira (45,9%) e de anticoncepcionais orais combinados (42%). Já os contraceptivos reversíveis de longa duração, apesar da elevada eficácia descrita na literatura, foram utilizados por apenas 26,5% das entrevistadas. Além disso, 47,8% das participantes relataram utilizar mais de um método contraceptivo simultaneamente.

Apesar dos LARCs apresentarem maior eficácia contraceptiva, o receio de uma gravidez não planejada permanece presente entre as mulheres. Desse modo, destaca-se a importância da informação adequada sobre os métodos contraceptivos, permitindo que a mulher exerça sua autonomia, liberdade e autodeterminação na escolha do método mais adequado às suas necessidades. (BORGES, A. L. V. et al., 2024).

É importante destacar que mulheres em relacionamentos estáveis e com parceiro fixo tendem a reduzir o uso de preservativos devido à confiança no parceiro, à dificuldade de diálogo dentro da relação, ao receio da reprovação por parte do parceiro ou a situações de submissão (FERREIRA, H. L. O. C. et al., 2019). De acordo com os dados obtidos, 80,5% das entrevistadas possuem vida sexual ativa, 36,1% não têm parceiro fixo e 54,1% não utilizam preservativo para prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Assim, destaca-se a necessidade de estratégias educacionais que incentivem o diálogo entre os parceiros, ampliem o acesso à informação sobre os benefícios dos métodos contraceptivos e promovam maior adesão ao uso de preservativos durante as relações sexuais, contribuindo para a autonomia reprodutiva e para práticas sexuais mais seguras (FERREIRA, H. L. O. C. et al., 2019).

Dessa maneira, no Brasil, os jovens apresentam comportamentos que podem aumentar a vulnerabilidade em relação à saúde sexual e reprodutiva, como a multiplicidade de parceiros sexuais, a baixa adesão ao uso de preservativos e o início precoce da vida sexual. Esses fatores estão associados a desfechos negativos para a saúde, incluindo maior risco de ISTs, gestações não planejadas e impactos físicos, emocionais e sociais que podem comprometer a qualidade de vida dessa população. (ROBBAN, S. DE B. et al., 2026),

Diante do exposto, a escolha do método contraceptivo, bem como a satisfação e a adaptação das mulheres ao seu uso, pode influenciar em diferentes aspectos da saúde sexual e da qualidade de vida. A percepção de segurança e confiança no método utilizado exerce impacto direto sobre o bem-estar emocional e a vivência da sexualidade, considerando que experiências negativas, efeitos adversos e o medo de falha contraceptiva podem interferir na satisfação feminina e na tranquilidade durante as relações sexuais. (ALIEH ZARBAF et al., 2023)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo evidenciaram que o medo da falha contraceptiva permanece frequente mesmo entre mulheres com elevado nível de escolaridade e acesso à informação em saúde. Embora a maioria das participantes tenha relatado confiança nos métodos

contraceptivos utilizados, observou-se elevada prevalência do medo de engravidar, fator que influenciou diretamente o comportamento contraceptivo e favoreceu o uso simultâneo de múltiplos métodos.

Além disso, os achados demonstraram que a percepção de eficácia contraceptiva não está relacionada apenas ao conhecimento técnico acerca dos métodos, mas também a fatores emocionais, psicológicos e subjetivos. O medo de uma gestação não planejada mostrou-se presente mesmo entre as mulheres que utilizavam métodos reconhecidamente eficazes, evidenciando que a experiência contraceptiva feminina ultrapassa aspectos exclusivamente biológicos e farmacológicos.

Observou-se ainda maior prevalência do uso de métodos de barreira e ACOs, enquanto os contraceptivos reversíveis de longa duração apresentaram menor adesão, apesar de sua elevada eficácia descrita na literatura científica. Esse cenário reforça a importância da ampliação do acesso à informação sobre os diferentes métodos contraceptivos, permitindo escolhas mais seguras e compatíveis com as necessidades individuais.

Dessa forma, conclui-se que a promoção da saúde sexual e reprodutiva deve contemplar não apenas orientações técnicas sobre contracepção, mas também aspectos emocionais e comportamentais envolvidos no planejamento reprodutivo. Estratégias voltadas ao acolhimento, à escuta e ao fortalecimento da autonomia reprodutiva feminina podem contribuir para maior segurança e satisfação em relação ao uso dos métodos.

Como limitação deste estudo, destaca-se o fato de a pesquisa ter sido realizada em uma única instituição de ensino superior, o que pode limitar a generalização dos resultados para outras populações. Além disso, por se tratar de um estudo baseado em questionário autoaplicável, as respostas dependem da percepção individual das participantes, podendo sofrer influência de fatores subjetivos.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para ampliar as discussões acerca da confiança contraceptiva, da saúde mental e dos impactos psicossociais relacionados ao medo de falha dos métodos contraceptivos, incentivando novas pesquisas sobre o tema e fortalecendo ações voltadas à saúde sexual e reprodutiva de mulheres jovens.

REFERÊNCIAS

1. ALIEH ZARBAF et al. Comparison Between the Effect of the Information–Motivation–Behavioral (IMB) Model and Psychoeducational Counseling on Sexual Satisfaction and Contraception Method Used Under the Coercion of the Spouse in Iranian Women: A

- Randomized, Clinical Trial. *Revista Brasileira Ginecologia e Obstetrícia*, v. 45, n. 08, p. e447-e455, 1 ago. 2023.
2. BAHAMONDES, L. et al. Fatores associados à descontinuação do uso de anticoncepcionais orais combinados. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, v. 33, n. 6, p. 303-309, jun. 2011.
 3. BORGES, A. L. V, et al. Autonomia reprodutiva associada ao uso de métodos contraceptivos entre mulheres em idade reprodutiva. *Revista Gaúcha De Enfermagem*, v. 44, p. e20230072, 2023.
 4. BORGES, A. L. V. et al. Satisfação com o uso de métodos contraceptivos entre mulheres atendidas em serviços de atenção primária à saúde na cidade de São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 17, n. 4, p. 749-756, dez. 2017.
 5. BORGES, A. L. V. et al. Uso de métodos contraceptivos de longa ação e principais preocupações de suas usuárias. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 24, 2024.
 6. CAETANO, C. et al. Geração Y e contracepção: por que eles se esquecem? Uma pesquisa internacional que explora o impacto dos estilos de vida e dos níveis de estresse na adesão a um regime contraceptivo diário. *The European Journal of Contraception & Reproductive Health Care: The Official Journal of the European Society of Contraception*, v. 24, n. 1, p. 30-38, 1 fev. 2019.
 7. Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO). Métodos anticoncepcionais reversíveis de longa duração. São Paulo: FEBRASGO; 2023. (Protocolo FEBRASGO-Ginecologia, no 64/ Comissão Nacional Especializada em Anticoncepção).
 8. Contracepção reversível de longa ação. São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO), 2022. (Série Orientações e Recomendações FEBRASGO, no. 1/Comissão Nacional Especializada em Anticoncepção). ii, 44p.
 9. FERREIRA, H. L. O. C. et al. Determinantes sociais da saúde e sua influência na escolha de métodos contraceptivos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 72, n. 4, p. 1044-1051, ago. 2019.
 10. MELO, C. R. M. E. et al. Uso de anticoncepcionais e intenção de engravidar entre mulheres usuárias do Sistema Único de Saúde. *Revista latino-americana de enfermagem*, v. 28, p. e3328, 2020.
 11. OLIVEIRA, I. D.; PATRÍCIA BARTH RADAELLI; GISIELLI JOVELINA POLIDORIO ALIEVI. PREVALÊNCIA DO MEDO DE GESTAR E TOCOFOBIA EM ACADÊMICAS DE CENTRO UNIVERSITÁRIO. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 5, p. 2936-2941, 15 maio 2024.
 12. PACÍFICO, L. C.; MELO, J. S. TocoFOBIA e Saúde Mental: Explorando o medo excessivo de gravidez e do parto em pessoas com útero. *Revista Ceuma Perspectivas*, v. 42, n. 1, p. 89-103, 2026.

13. PEDRO, J. M. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, p. 239–260, jul. 2003.
14. ROBBAN, S. DE B. et al. Associações entre saúde mental e comportamentos sexuais de risco em adolescentes e jovens escolares. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 31, n. 3, 2026.
15. STEINBERG, J. R.; RUBIN, L. R. Psychological Aspects of Contraception, Unintended Pregnancy, and Abortion. *Policy Insights from the Behavioral and Brain Sciences*, v. 1, n. 1, p. 239–247, 1 out. 2014.
16. TRINDADE, R. E. DA et al. Uso de contracepção e desigualdades do planejamento reprodutivo das mulheres brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. suppl 2, p. 3493–3504, 2021.